

---

## DOCUMENTO

### A Luta dos Povos da Floresta\*

Chico Mendes

Quero dizer a vocês que eu sou um seringueiro, tenho uma participação direta na selva, na floresta amazônica, mas se hoje não estou ligado à produção extrativista, e porque não tenho mais condições, chegou o momento em que tive que sair fora, para dar um apoio maior para minha categoria.

Estou vindo do Rio de Janeiro, com o apoio do **Carlos** Walter e de outras pessoas e de partidos políticos, PT, PV, e PSB e outros segmentos da sociedade, onde venho fazendo várias palestras, criamos um comitê de solidariedade aos Povos da Floresta, e o Rio, realmente me deu uma força muito grande. Fui convidado pelo Carlos Walter a vir a São Paulo e agora estou aqui junto com vocês e espero que, também em São Paulo, este relacionamento, este entrosamento se aprofunde, porque a questão que nós defendemos hoje é muito significativa, é muito importante para todos os segmentos da sociedade brasileira.

Como já disse, meu trabalho é diretamente junto com os Povos da Floresta que são os índios e os seringueiros. É um trabalho que venho realizando há quinze anos aproximadamente. Comecei de uma forma isolada neste trabalho em 1969. Comecei com nove anos de idade como

---

\*Palestra realizada em de junho de 1988, promovida pelo Departamento de Geografia da USP e AGB-SP.

produtor extrativista dentro de uma realidade diferente da que nós vivemos hoje.

O desbravamento da Amazônia começou a partir de meados do século XIX, ou seja, a partir do ano de 1877, quando começaram a chegar as primeiras levadas de nordestinos na Amazônia. Agora se perguntamos, e a Amazônia era desabitada? Não, a Amazônia tinha seus verdadeiros habitantes, seus verdadeiros donos, que eram os índios. Naquela época, por volta de 1877, antes da chegada dos brancos na Amazônia, existiam na região do vale de Juruá, do Acre, mais de sessenta grupos tribais que juntos formavam várias nações e eram os legítimos donos daquela região.

Exatamente a partir de 1877, atendendo a interesses econômicos e quando a borracha ganha relevo na ocupação da Amazônia, impulsionada pela política de interesses de grupos estrangeiros e de grupos internos, aí então o tráfico de nordestinos para a Amazônia - eu falo tráfico porque naquela época o nordestino já era vítima da seca, em decorrência dos grandes desmatamentos feitos no Nordeste pelos coronéis, e chega o momento em que este povo é usado como escravo para desbravar a Amazônia, atendendo a interesses de grupos internacionais e dos patrões. Começa então uma vida difícil para o nordestino, quando milhares de famílias se deslocaram para a região e de repente essas pessoas tiveram que entrar em confronto com os verdadeiros donos da terra que eram os índios. Armados pelos patrões, estes companheiros foram obrigados a entrar em guerra com os índios; muitas tribos foram dizimadas, milhares de índios foram mortos; naquela época os seringueiros foram preparados pelos patrões e grande parte da região amazônica, principalmente do rio Purus, Madeira e Juruá foi invadida pelos brancos e os índios daquela região foram mortos. As sessenta tribos daquela época ficaram reduzidas a umas dez tribos, mas com o tempo, principalmente após 1900 começa uma tranquilidade porque os índios já tinham desistido, já tinham sido vencidos. Mesmo assim o seringueiro começa sua vivência na selva, na floresta e inicia um verdadeiro relacionamento do homem com a natureza.

Com o tempo, nós aprendemos os costumes dos índios, apesar de nós termos sido seus inimigos e responsáveis pelo seu genocídio, nós terminamos por aprender os seus costumes, as suas tradições, os seus relacionamentos com a natureza, com a selva; aprendemos a conviver com os mistérios da mata, aprendemos também a usar os alimentos como eles usam, a caça, o serviço da pesca, enfim a maioria dos costumes indígenas também foram usados pelos seringueiros. Até 1970 este relacionamento nos possibilitou criar, de certa forma, uma familiarização com a selva, com a floresta, com o silêncio da mata; aprendemos os costumes, o misticismo; aprendemos que a seringueira se rege por um

deus, que a caça tem um deus que rege a vida das caças e dos animais da mata; nós aprendemos isto com os índios, aprendemos que existem vários deuses que regem os destinos da natureza e da selva.

Ao mesmo tempo, durante este século, os seringueiros passaram a viver num regime de escravidão, porque apesar deles terem se transformado em extrativistas - e foi através do extrativismo que o Brasil foi muito beneficiado e nós fomos responsáveis durante este século, em grande parte, pelo sustentáculo da economia nacional - nós nunca tivemos um retorno disso. Em 1900, por exemplo, os seringueiros foram acionados e transformados em guerrilheiros e revolucionários e foram eles que de armas na mão anexaram o atual Estado do Acre ao território brasileiro. Naquela época, havia uma liga de grupos econômicos liderada pelos ingleses que tinham grande interesse na política de nossa borracha, e um gaúcho chamado Plácido de Castro, descontente com esta política - e já há muito que os seringueiros estavam sendo massacrados, explorados por grupos estrangeiros -, Plácido lidera com os seringueiros um movimento revolucionário em 1902/1903, que resultou em vitória com o acordo assinado pelo Barão do Rio Branco, e o Acre passa a ser anexado ao território brasileiro. A nossa recompensa foi a seguinte: nós continuamos, mais uma vez, como escravos. Milhares de nordestinos que vieram naquela época para desbravar a Amazônia com o sonho de voltarem novamente a rever seus familiares, a recuperar sua vida no Nordeste, não tiveram a sorte de voltar por vários motivos: 1º - alguns foram mortos pelos próprios índios que reagiram em princípio; 2º - outra grande parte morreu atacada por doença desconhecida naquela região sem nenhum atendimento médico, porque não havia médico; 3º - aquele que conseguia tirar saldo, produzir borracha, tinha como recompensa uma bala dos jagunços, porque quando o seringueiro conseguia liquidar suas contas, e ler o saldo, e aquele saldo era o sonho para rever seus familiares, no momento em que ele recebia o dinheiro, o jagunço já estava esperando lá no tronco de uma árvore, matava-o e o dinheiro era devolvido para o patrão.

Na Segunda Grande Guerra Mundial nós tivemos um papel importantíssimo na história do Brasil, nós fomos os grandes responsáveis pelo sustentáculo da indústria pneumática que, por sua vez, garantiu a fabricação de pneus para os aviões para as forças aliadas, de modo que aquelas pessoas, os seringueiros que foram destinados à produção extrativista da borracha para garantir a guerra, eram as pessoas que realmente tinham a promessa de que, no final da guerra e se as forças aliadas vencessem, teriam uma recompensa. Nós temos apenas a informação de que, no final da guerra, o governo brasileiro recebeu três milhões de dólares para a recom-

pensa desses soldados que se embrenharam na selva Amazônica, e nunca nenhum de nós recebeu essa recompensa.

Até a década de 70, para resumir um pouco a história, apesar de viver como escravo e ser humilhado de várias formas, a gente tinha uma garantia que a floresta, a natureza, aquele relacionamento nosso não se acabava, o nosso costume com a floresta, pois não havia nenhuma ameaça até aquele momento. Um grande problema também que existia e que esqueci de citar inicialmente foi que durante este século o seringueiro nunca teve direito a uma escola, porque para o patrão, o seringalista, não interessava criar uma escola no seringal, porque para ele tinha dois problemas: se o seringueiro ou o filho do seringueiro fosse para a escola ele poderia aprender a se conscientizar e aí poderia organizar um movimento de libertação, de autonomia, então isso não era bom para o patrão. O filho do seringueiro indo para a escola implicava na diminuição da produção da borracha. Então eu, como todos os companheiros, com nove anos de idade, o nosso *abc* foi pegar uma lâmina e começar a sangrar seringueira para ajudar nossos pais na produção da borracha do patrão que precisava de um lucro maior para mandar seu filho estudar nas melhores universidades do país, ou então comprar apartamentos em Belém, Manaus, Fortaleza, ou então gastar altas somas em banca de jogos. O direito do seringueiro era trabalhar, produzir borracha para alimentar os interesses do patrão.

Até 1965, os seringalistas eram financiados pelo Banco da Borracha, de modo que ele tinha um seringal produzindo cem toneladas de borracha, ia no banco e dizia: olha, o meu seringal produz duzentas toneladas e eu preciso de dinheiro para investir, e aí o banco financiava, porque também o banco não mandava nenhum fiscal no seringal, e o seringueiro era forçado a dobrar sua produção para que o patrão pudesse saldar seus compromissos no banco. Quando, por exemplo, o seringueiro via faltar o leite para dar ao seu filho e não tinha de onde tirar, ele muitas vezes vendia o produto escondido para outro patrão, e se o seu patrão ficava sabendo, mandava o jagunço buscá-lo e juntamente com ele ia no outro barracão, tomava o produto, pegava e amarrava no seringueiro que era morto, queimado junto com aquela produção. Isso aconteceu pelo menos até a década de trinta, só parou depois que chegou uma denúncia ao governo federal. Naquela época, para vocês terem uma idéia: uma denúncia para vir lá do rio Juruá e para chegar ao Rio de Janeiro demorava até dois anos. Até que finalmente o governo federal, naquela década de trinta, mandou uma expedição para vários rios da Amazônia e vários seringalistas que usavam desses métodos violentos foram presos; isso

diminuiu esta ação criminosa dos patrões, porém o sistema de escravidão continuou até a década de 60.

Em 1965, com o golpe militar, o General Castelo Branco acaba com o monopólio estatal da borracha e o Banco da Borracha fecha suas portas, e aí o que acontece? A maioria dos seringalistas da Amazônia que tinham altos débitos com este banco e que não tinham previsão nenhuma de que o banco ia fechar, caem todos em falência; o que o governo faz? O governo do Estado da Amazônia vem para o sul e faz uma grande propaganda dizendo que principalmente o Acre tinha terras fartas e baratas e que o povo era malandro, não produzia, e eles precisavam levar o progresso e o desenvolvimento para aquela região.

Em 1970, com o apoio dos incentivos fiscais da SUDAM, os fazendeiros do sul chegaram na Amazônia, no Acre. Por que primeiro no Acre? Porque no Acre tinha saído a rodovia 317 e para vocês terem uma idéia, de 70 até 75, os fazendeiros compraram com o apoio dos incentivos fiscais da SUDAM, na região do vale do Acre, seis milhões de hectares de terra. Nestas terras, moravam aproximadamente dez mil famílias de seringueiros que ali estavam há trinta, quarenta, cinquenta anos. O que os fazendeiros fazem? Levaram centenas de pistoleiros, jagunços e espalharam jagunços por toda aquela região, estas mil famílias de seringueiros tiveram seus barracos incendiados, seus animais foram mortos pelos jagunços, algumas mulheres que estavam grávidas, morreram queimadas nos barracos, como aconteceu no rio Xapuri, sob a responsabilidade do grupo Bordon, em 1972. Enfim, criou-se uma situação de medo, de terror e morte naquela região.

E aí, o por quê: o pessoal pegou a gente de corpo aberto, nós não tínhamos nenhum tipo de organização, não se tinha consciência do que fazer, e fomos dominados pelo pânico, pelo desespero e pelo medo. Estas dez mil famílias tiveram destinos muito diferentes, dos piores possíveis. Sessenta por cento aproximadamente foram para os seringais bolivianos, porque na Bolívia, a cem km de distância, têm os grandes seringais. As outras, quarenta por cento, decidiram tentar a vida na cidade, e a cidade de origem pela qual eles fizeram opção, foi pela cidade de Rio Branco. Em pouco tempo a cidade de Rio Branco se transforma numa cidade inchada, a periferia composta de seringueiros expulsos que chegaram sem nenhuma condição para arrumar trabalho na cidade, porque estas pessoas não sabiam nem ler nem escrever, despreparadas totalmente e mesmo na cidade não havia mercado de emprego. De repente a cidade de Rio Branco se transformou numa cidade de marginais, de assaltantes, de traficantes, tudo isso em decorrência, porque as pessoas vieram sem condição nenhuma e então se desesperaram. As mulheres, as filhas dos seringueiros tiveram que se

dedicar à prostituição para poder sobreviver; isso criou um clima hoje em Rio Branco, para quem quiser conhecê-la, é o espelho desta triste realidade.

E aí o que fazer? Neste momento, até 1975, na minha região são destruídas, pelo fogo e pelas motosserras, 180.000 árvores de seringueiras, 80.000 castanheiras, que é uma árvore de grande importância em produção e juntamente com as seringueiras foram destruídas mais de um milhão e duzentas mil madeiras de lei, de grande importância para a região. O pior é que todas estas árvores, essas riquezas foram destruídas pelo fogo e pelas motosserras, sem trazer nenhuma renda, nenhum proveito para a economia do Estado.

A partir daí, então, começa a resistência dos seringueiros que encurralados, de uma certa forma, vêm chegar o momento em que a igreja católica, preocupada com esta situação, inicia um trabalho de organização de base e começa um trabalho em defesa dos posseiros. A convite da igreja católica chega, em 1975, uma comissão mandada pela CONTAG e pelo Ministério do Trabalho, e como o vale do Acre era a área em que estava acontecendo o maior número de conflitos naquele momento, o pessoal resolve fundar o primeiro Sindicato de Trabalhadores Rurais de Brasiléia, porque ali era o quartel general dos conflitos e era onde se centralizavam os latifundiários que chegaram naquele momento. Nesse momento eu entro nesta luta, porque também, talvez, eu tenha sido o único seringueiro - voltando um pouco atrás na história -, eu tive a oportunidade de nos anos sessenta encontrar um exilado político, da Intentona de 35. Essa pessoa que foi presa na ilha de Fernando de Noronha, conseguiu fugir para a Bolívia e depois saiu corrido com medo, também, da resistência, quando houve um golpe militar na Bolívia, essa pessoa fez uma opção pela selva. E eu tive a oportunidade de ficar com esse companheiro que foi o maior professor de toda minha vida e foi a pessoa que realmente conseguiu colocar alguma coisa na minha cabeça, porque senão eu não teria nada na cabeça, que nem os outros companheiros naquela época. Foi isso que me possibilitou entrar exatamente no momento que estavam fundando o primeiro sindicato de Brasiléia.

Eu cheguei a me engajar já neste momento, porque já tinha experiência aprendida com esse companheiro da década de 30. Então acontece que mesmo com a criação do sindicato, os desmatamentos continuam, e todas as frentes de BR 317, compreendendo uma área de 300 km, entre Xapuri, Brasiléia e Assis Brasil, são devastadas durante cinco anos. Mas os seringueiros ainda ficam pelos fundos; aí o nosso papel era garantir a permanência desses companheiros que tinham ficado perto das margens da estrada. Começamos então a pensar de que forma nós

poderíamos lutar contra este criminoso desmatamento que estava causando o maior prejuízo para a economia do Estado e para toda região. Para vocês terem uma idéia, o município de Xapuri arrecadava, até 1970, dez milhões de cruzeiros de ICM por ano; esta renda caiu para três milhões de cruzeiros em 1975, isso em função do desmatamento. O comércio fechou as portas, porque não havia movimento, porque as grandes áreas se transformaram em grandes pastagens, de modo que os fazendeiros não precisavam de muita gente para trabalhar. A cidade chegou então a ficar quase em ruínas e aumentou mais o cinturão de miséria e desemprego. Nós tentamos por via legal, em 1975, barrar o desmatamento, ou seja, recorremos com advogados por via judicial, na tentativa de se impedir o desmatamento. Acontece que tanto a polícia, como os juizes eram comprados pelos latifundiários, então a voz que prevalecia era a do homem forte na região, os grandes fazendeiros.

Nós decidimos adotar outros critérios e resolvemos partir para o confronto; pela primeira vez em maio de 86 no município de Brasília nós nos reunimos em mutirões, em aproximadamente 160 homens e resolvemos fazer um empate de derrubada; o que significa um empate? O empate é uma forma que nós descobrimos, dos seringueiros se organizarem em mutirões e se deslocarem para os locais de desmatamento, se colocarem entre os peões e a floresta e desmobilizar seus acampamentos, dialogar com eles e forçá-los à retirada. Começam então os primeiros resultados para se evitar os desmatamentos, mas aí vem a outra história, os fazendeiros recorrem judicialmente à polícia e conseguem o apoio da justiça para garantir o desmatamento. Mesmo assim nós avaliamos que tínhamos que enfrentar a polícia. Mas enfrentar como? Armados? Não, porque achamos que: primeiro, nós não tínhamos força suficiente para resistir ao confronto armado com a polícia, e segundo: não era partir para o confronto, pois não tínhamos força para isso.

Resolvemos criar um movimento pacifista, aí acionamos mulheres e crianças para o movimento de paz.

Quando a polícia se deslocava para a área, a gente se deslocava também, com homens, mulheres e crianças em mutirões de cem, duzentas até trezentas pessoas que ficavam diante da polícia, e a polícia com todas suas metralhadoras e fuzis, refletia e finalmente em muitos momentos ela recuava, porque pensava duas vezes em atirar numa criança. Com tudo isso a gente criava um fato político, e quando se tratava de uma área muito deserta, se criava um impasse muito grande porque a gente ficava entre a polícia e o desmate e se levaria muitos dias para se ter uma solução; quando se tratava de uma área próxima à rodovia a polícia levava o caminhão e prendia todo mundo e a gente recebia como primeira merenda,

coice de fuzil; muitos companheiros tiveram dentes quebrados, foram torturados nesta lula, mas ninguém desistiu.

De 1977 até 1987, nós realizamos 45 movimentos de empate, tivemos 30 derrotas e 15 vitórias. Nestas 30 derrotas, nós tivemos centenas de prisões mas felizmente a gente conseguiu evitar derramamento de sangue. O único derramamento de sangue ocorreu no município de Brasília, com o movimento que era liderado pelo companheiro Wilson Pinheiro, quando ele foi assassinado em julho de 1980, na sede do sindicato. Logo mais tarde os trabalhadores responderam assassinando um fazendeiro da região pois após uma espera de sete dias, e como a polícia não deu conta dos assassinos de Wilson Pinheiro - e os trabalhadores sabiam quem eram os mandantes da morte de Wilson Pinheiro - resolveram fazer justiça com as suas próprias mãos. No momento em que os seringueiros resolveram novamente fazer justiça com as próprias mãos, a justiça foi acionada e nós tivemos 20 companheiros torturados, as unhas arrancadas, e eles passaram meses na prisão. Por conta disso, eu sentei no banco dos réus do tribunal militar em Manaus em 1981 e em 1984 voltei ao segundo julgamento, quando fui absolvido por falta de provas; nesse julgamento também o companheiro Lula foi acusado de participar do ato público em Brasília, em solidariedade ao companheiro morto.

Enfim, eu vou resumir um pouco do passado desta história, porque se fosse contar nos mínimos detalhes, a gente iria até o amanhecer do dia. Eu só quero colocar a partir de 1985 até o momento atual que chegamos.

Em 1985, o nosso movimento continuava ainda muito isolado, a gente não conseguia uma repercussão maior porque a imprensa, sempre, apesar de contar com jornalistas importantes que deram muita contribuição, sempre os donos da imprensa boicotavam a divulgação de nossa resistência, e foi só a partir de 1985 que surgiu na nossa cabeça a idéia de realizar o Encontro Nacional de Seringueiros em Brasília. Por que em Brasília? Porque nós entendemos que Brasília é o fórum das decisões a nível nacional e de repente as autoridades de Brasília, para muitos seringueiros, não existia mais, foi um bicho do passado. A Amazônia era um deserto desabitado, e a gente queria provar que isso não era verdade, e com o sucesso e o apoio do Ministério da Cultura, do Pró Memória e com o apoio financeiro de uma agência inglesa, nós conseguimos realizar com sucesso o primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros em Brasília. Nesse encontro participaram observadores tanto a nível internacional como nacional. E o que aconteceu a partir daí? Nós criamos uma entidade denominada Conselho Nacional dos Seringueiros. Porque até hoje, desde o século XIX, existe o Conselho da Borracha, e quem aparece como produtor de borracha neste conselho são os seringalistas, os patrões. Nós

queríamos provar ao governo que os verdadeiros produtores da borracha somos nós, os seringueiros. Daí a importância do Conselho Nacional dos Seringueiros. Com isso, nós conseguimos emplacar a nível internacional esta luta em defesa da Amazônia por que aí vinha também a questão ecológica, a questão ambiental.

Os observadores internacionais constataram que a nossa luta também, apesar de ser uma luta pela sobrevivência, em defesa da vida, tinha um caráter ecológico ambiental muito grande. Isto despertou a curiosidade dos ambientalistas internacionais e em janeiro de 1987, nós recebemos uma comitiva da ONU que foi aos seringais em Xapuri no Acre observar o nosso trabalho, o nosso movimento e resistência. E isso me levou a um convite, em março de 87 para Miami, quando pela primeira vez participei de uma reunião de banqueiros. Eu tive a coragem de denunciar as políticas dos bancos internacionais e principalmente as políticas de desenvolvimento para a Amazônia. Isto teve uma repercussão porque eu denunciei os projetos que o BID financiou para a Amazônia, que foi o projeto para o asfaltamento da BR 364, trecho Porto Velho-Rio Branco, e logo mais tarde a ONU resolve, através da UNEP, me homenagear com o prêmio *Global 500*, que me foi entregue no dia 6 de julho em Londres, no encontro com uma entidade ambientalista européia. E mais tarde a *Sociedade para um Mundo Melhor*, a convite de várias entidades norte-americanas, me premiou em 21 de setembro e eu recebi em Nova Iorque a medalha da *Sociedade para um Mundo Melhor*, juntamente com o representante das forças de paz da ONU e com o representante pela paz na Nicarágua.

Nesse momento nós chegamos a reconhecer que a luta dos seringueiros da Amazônia, a luta em defesa da Amazônia tinha criado uma dimensão internacional muito grande. E, ao mesmo tempo, nos entristecia porque enquanto eu recebia dois prêmios internacionais nos EUA e na Europa, no Brasil eu não era nem conhecido, ninguém nem tocava no meu nome ou na luta dos seringueiros. E foi aí que começou a nossa preocupação em fazer com que a sociedade brasileira também começasse a tomar consciência dessa luta, porque o que eu quero colocar para vocês é o seguinte: hoje, a luta em defesa da Amazônia não interessa só a nós, seringueiros e índios, mas é uma luta que interessa a toda a sociedade brasileira e ao mundo inteiro e a todo o planeta.

Nós, os seringueiros, não queremos transformar a Amazônia num santuário, o que nós não queremos é a Amazônia devastada. E aí se pergunta: qual é a proposta que vocês têm? E nós então começamos a discutir além da questão da luta contra o desmatamento, nós começamos a apresentar a proposta alternativa para a conservação da Amazônia. Estas

propostas se baseiam hoje na criação das reservas extrativistas. Os seringueiros não interessam e nem querem o título de propriedade, nós não queremos título nenhum e nem ser donos da terra, o que nós queremos é que a terra seja de domínio da União e de usufruto para os seringueiros, e dos habitantes da floresta. Nós apresentamos uma alternativa economicamente viável quando colocamos a questão de se priorizar os vários produtos extrativistas que existem na Amazônia e que hoje estão ameaçados e nunca foram levados a sério pela política do governo brasileiro.

Apesar de toda sua destruição a borracha ainda se apresenta como primeira alternativa econômica para a região; como prova disso, em 86, no Estado do Acre, a borracha foi responsável por 45% da arrecadação do ICM, enquanto a pecuária com todos os seus milhares de bois foi responsável apenas pela arrecadação de 5% do ICM.

Nós temos certeza que, com a criação das reservas extrativistas, a Amazônia num prazo de dez anos se transformará numa das regiões economicamente viáveis, tanto para o Brasil como para o mundo, porque nós temos ali riquezas escondidas que até hoje não foram comercializadas. Nós temos, por exemplo, vários produtos extrativos além da borracha: a castanha, o patuá, o assai, babaçu, copaíba, tucumã, e tantas outras variedades de produtos que eu não lembro no momento e que é possível transformar em produto, desde que o governo leve a sério criar uma política de comercialização destes produtos, e com o uso racional da terra. Para isso nós colocamos como proposta que cada seringueiro tenha como direito, num prazo de trinta anos, desmaiar 15 hectares de floresta virgem, porque nós temos certeza que em 15 hectares é possível cultivar outras culturas de grande importância para a região e sem devastar a terra.

O seringueiro durante séculos derrubou para plantar a cultura de subsistência, e nunca estragou a floresta amazônica. Para vocês terem uma idéia: o que os fazendeiros desmaiarão na década de 70, todos os seringueiros da Amazônia não desmaiarão em cem anos! Então nós sabemos cultivar a terra, basta que o governo nos dê condições e acate a proposta que hoje apresentamos como alternativa econômica para que a Amazônia se transforme numa região economicamente viável.

Voltando um pouco na história, se os seringueiros eram analfabetos, como se poderia organizar esses seringueiros para se chegar ao que chegamos hoje? Ora, nós sabíamos em 1980 - apesar de todo este movimento que nós criamos - que seria muito difícil porque a pessoa sem saber ler e escrever fica difícil ela colocar na sua cabeça, criar uma consciência a curto prazo, ter uma consciência do seu dever de lutar em defesa dos seus interesses, porque foi exatamente isso que o patrão fez para que o seringueiro não se organizasse. O que nós fizemos? Começamos a

articular uma forma de criar um método de educação popular. No final de 1979 nós construímos uma escola no meio da mata e com o apoio de algumas entidades e de pessoas aqui de São Paulo, ligadas ao Paulo Freire, essas pessoas fizeram uma equipe, elaboramos uma cartilha denominada PORONGA. Mas por que PORONGA? Porque a PORONGA é um instrumento que os seringueiros usam para caminhar na selva à noite. É um instrumento que ele usa na cabeça, uma lamparina, um foco que tem um flande por detrás para proteger e com aquilo ele caminha durante a noite na selva. A cartilha, a PORONGA, seria mais uma luz que iria indicar os rumos da caminhada do seringueiro a partir daquele momento. Nós criamos com muita dificuldade a primeira escola, deu certo e as escolas foram se expandindo e, na medida que foram dando certo, o movimento começou a se fortalecer muito mais, porque a consciência dos companheiros começou a crescer muito mais rápido. A cartilha ensinava não só a ler e escrever, mas ela vai muito mais além. Ela ensina como se dá o ligamento do homem com a natureza, do amor que ele deve ter com a floresta, pela sua sobrevivência, a forma como ele deve descobrir alternativas para sua sobrevivência na selva e ensina ao mesmo tempo a lutar em defesa daquela **floresta**.

Então isto começou a dar certo e hoje nós temos 19 escolas em toda região. Os professores são pessoas escolhidas e preparadas pela própria comunidade. Os professores são seringueiros, porque as pessoas da cidade - não se adaptam nunca à realidade do seringal, e mesmo estas pessoas iriam colocar na cabeça dos alunos os mesmos métodos oficiais de ensino, e para nós não adiantaria nada. Daí o por quê desta cartilha e o por quê dessas pessoas serem preparadas. Elas são eleitas pelas comunidades, tem que ser pessoas comprometidas com a luta da comunidade, com a luta em defesa da floresta, com a luta em defesa da Amazônia, e com a luta pela organização da sua própria comunidade. Ela tem como função também contribuir para ajudar nas outras comunidades. Então foram formados os grupos e, entre as 19 escolas, temos mais de cinquenta lideranças preparadas, que por sua vez estão sendo enviadas para outras regiões para levar estas experiências para que este mesmo trabalho seja realizado em outras regiões da Amazônia. Bem, este é o trabalho que nós desenvolvemos até hoje.

Por outro lado, nós enfrentamos uma situação muito difícil: nos últimos tempos a UDR resolveu se estruturar também no Acre. Foi criada em Rio Branco, porque os fazendeiros resolveram se organizar para se contrapor ao nosso movimento. E hoje para que vocês tenham uma idéia, sobre o comando da UDR, vários pistoleiros estão sendo espalhados por toda região para tentar eliminar algumas de nossas lideranças.

Eu pelo menos fui vítima até hoje, a partir de 1977, de seis atentados; felizmente escapei de todos eles por incrível que pareça. Recentemente eles atacaram um acampamento nosso, no dia 26 de maio, e dois companheiros foram baleados; um seringueiro recebeu sete balaços e outro companheiro duas balas. Felizmente eles conseguiram sobreviver até hoje. A minha casa está sendo guarnecida por quatro seringueiros, onde dois permanecem até meia-noite e os outros dois até o amanhecer do dia. A sede do sindicato, diariamente está sendo cercada por pistoleiros; hoje mesmo recebi notícias de Xapuri de que esta noite vários pistoleiros tentaram invadir a sede do sindicato. Nós sofremos hoje uma pressão enorme da UDR, mas a UDR, há dois meses, numa reunião que fez, decidiu que a minha eliminação se daria em outra região do país, porque pra me matarem hoje ali daria um trabalho muito maior, daria uma repercussão muito grande. Só que este segredo vazou, e todos os companheiros estão sabendo disso, e em qualquer canto hoje do país que eu por acaso cair numa emboscada, todo mundo vai saber que esta emboscada veio a partir de Xapuri, a partir do Acre, então não adianta eles quererem nos enganar.

Recentemente temos mais de dez lideranças ameaçadas de morte, mas não tememos, porque nós sabemos que hoje, se eles matam um de nós, lemos cem, duzentas, trezentas lideranças para tocar o trabalho para a frente. Hoje não adianta mais a UDR querer matar o Chico Mendes ou um outro sindicalista lá do Acre porque hoje tem centenas, milhares de Chico Mendes e outros companheiros. Hoje eu estou aqui, tem outro companheiro na Alemanha que está dando uma palestra para os ecologistas da Alemanha. No ano passado eu fui muito estrela, é preciso que a gente jogue outros companheiros que tenham importância igual a mim ou até melhor, para que eles sejam reconhecidos também, porque se apareci ano passado e estou tentando esta campanha a nível de Brasil, tenho dezenas de outros companheiros que têm a mesma importância, só falta eles serem reconhecidos também.

O meu objetivo enfim é trazer uma mensagem no sentido de que na medida do possível vocês procurem sensibilizar outras pessoas nesta grande causa que nós defendemos, porque a questão da Amazônia, como já disse, é uma questão que interessa a todos os segmentos da sociedade brasileira. Todos nós somos brasileiros, o Acre não é outro país, o Acre é Brasil hoje, e ele é Brasil porque exatamente foi uma conquista dos próprios acreanos daquela época, é preciso que todos os brasileiros hoje se dêem as mãos para defender uma causa tão importante que é a defesa da Amazônia.

Nós sabemos que a Amazônia é hoje a cobiça dos latifundiários principalmente com a possibilidade do asfaltamento da estrada que tem saída para o Pacífico, que é um projeto, uma promessa do Sarney, que ele

fez em troca dos votos dos parlamentares do Acre para os cinco anos do mandato dele; ele pretende cumprir esta promessa de asfaltar a 364 e depois chegar até o Pacífico para possibilitar com isso a penetração do capital internacional e do capital latifundiário que pretende se estabelecer por toda a sua região. Esta é mais uma questão que nos preocupa. Precisamos acelerar muito mais rápido esta organização para que a gente não seja tragada mais hoje, mais amanhã, pelo peso político que o latifundiário tem para toda aquela região. Pra vocês terem uma idéia: no ano passado, mesmo com toda esta resistência, foram queimados na Amazônia vinte milhões de hectares de floresta. Vocês sabem o que significa vinte milhões de hectares de floresta? Isto compreende os Estados do Mato Grosso, Tocantins, Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Roraima. Isto significa que se isso continuar, daqui a dez anos, a Amazônia será um deserto. E se a Amazônia se transformar num deserto, nós vamos ter uma repercussão muito negativa tanto para o Brasil como para o mundo inteiro e para nós principalmente que estaremos ameaçados de genocídio.

Se continuar o desmatamento, se continuar se investindo nos incentivos e na criação de grupos agropecuários para a Amazônia, então o nosso futuro estará ameaçado. Eu acho que o futuro da Amazônia depende muito da organização da resistência da sociedade brasileira e principalmente dos trabalhadores brasileiros. E quando eu falo em trabalhadores não são só os seringueiros, nem os índios, mas também os estudantes, os professores, enfim todos os segmentos da sociedade brasileira. Uma outra coisa importante que esqueci de colocar pra vocês, também, e que fortaleceu muito a nossa luta, quando eu falei inicialmente que os seringueiros foram usados para o confronto contra os índios e que mataram milhares de índios, hoje esta mentalidade mudou, hoje existe uma aliança, hoje se acena com uma aliança com os Povos da Floresta que têm tido uma repercussão muito grande. O índio, apesar de ter sido massacrado pelo branco, começou a entender que o seu verdadeiro inimigo não é o seringueiro, mas são realmente os patrões e os latifundiários, e foi exatamente com esse pensamento que se acabou de selar a aliança dos Povos da Floresta, a aliança dos índios e seringueiros. Esta foi uma proposta encabeçada pelo Conselho Nacional dos Seringueiros e pela União da Nações Indígenas e infelizmente eu cheguei muito em cima da hora hoje, porque se eu tivesse chegado antes, eu gostaria que tivessem convidado o companheiro Ailton Krenack, que é um dos companheiros que foi um dos cabeças deste movimento de aliança dos povos da floresta. É uma aliança que tem fortalecido muito esta questão da pressão aos bancos internacionais, principalmente para a Amazônia.

No momento era isso que eu tinha pra colocar pra vocês.